

MANUEL PRETO, O HERÓI QUASE ESQUECIDO

Arthur Nogueira Campos

A vida aventurosa deste caudilho dos sertões, que tanto benefício rendeu ao Brasil, já foi bem relatada e comentada por admiradores e detratores. Não vou contribuir com mais uma biografia do Herói de Guairá, nem discutir a ação profícua, destemida e controversa do grande pioneiro Manuel Preto. Propus-me apenas compilar o que disseram dele historiadores acatados e inimigos acirrados. Uns e outros empregaram vívidas tintas no retrato do grande bandeirante, deixando ver, ao fundo, o que ele fez por este País. Quero reavivar as cores com que pintaram essa personagem homérica quando dava, nos sertões sulinos, os primeiros passos, seguidos por seus continuadores, para que o Brasil um dia pudesse reclamar para si tanta terra quanta somam parte do Estado de São Paulo, parte dos Estados de Mato Grosso, os Estados inteiros do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e até do Uruguai, antes que se separasse do Brasil. Uma vasta área maior do que a de muitos países juntos da América do Sul, englobando as melhores terras e o melhor clima do continente, a maior parte delas banhada pelo cobiçadíssimo Atlântico. Muito já se escreveu sobre o Mestre de Campo e, a não ser pelo fato de estarem esses escritos em livros raros, recolhidos a bibliotecas especializadas, não vejo outro motivo pelo qual ele fosse olvidado. Ainda mais quando seus discípulos, companheiros e continuadores da gloriosa campanha não foram esquecidos e aí estão os seus nomes, merecidamente honrados, repetidos todos os dias pelo povo que os lê nos logradouros públicos e rodovias, em vários Estados. Ele, que desbravou os caminhos que ligam o Rio de Janeiro e São Paulo com as terras do Sul, jamais foi lembrado para nomear alguma das vias que ligam estas duas capitais aos Estados sulinos. São Paulo, onde nasceu e viveu os poucos dias em que não percorria os sertões, dá o pior exemplo. A única exceção é uma escultura, de autoria A. H. van Emelen, abrigada nas escadarias do vestíbulo monumental do Museu Paulista do Ipiranga, com que é honrado junto às que lembram outros bandeirantes. Ali, ele é um entre os oito maiores, talvez o maior de todos, pois foi o iniciador do impulso que mais tarde outros aproveitaram para empurrar nossas fronteiras para lá do iníquo Meridiano de Tordesilhas. Assim ele iniciou a posse da terra que afinal foi reconhecida como brasileira, com base justamente no direito da posse. Eram as “terras dadivosas

que os seus antepassados ofertaram à Nação, empurrando com os pés, para muito longe, a linha rígida do Meridiano de Tordesilhas, e alongando-a num perímetro dez vezes maior, a abranger a superfície imensa e protegida pelo *uti possidetis*, que os negociadores espanhóis do Tratado de Madri não tiveram outro remédio senão reconhecer” (10, pág. 13).

Em nenhuma das capitais dos Estados beneficiados existe algum logradouro com o seu nome. Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Campo Grande, Cuiabá, Porto Alegre e Florianópolis -- a cidade da qual ele foi o primeiro governador -- são unânimes em olvidá-lo. (16). Um silêncio duradouro e total, mais pesado do que se tivesse sido imposto por lei. Aí está o pior exemplo, o de São Paulo, onde já houve duas ruas com o seu nome, das quais as placas indicadoras foram retiradas e abandonadas em algum depósito, pois não seriam reaproveitadas em nenhum outro local. Seu nome foi apagado de uma rua modesta de Santo Amaro para dar lugar ao nome de uma distinta senhora; na Água Branca, outra pequena rua que o lembrava, teve seu nome removido para homenagear a antiga cidade nilótica de Mênfis, que não existe mais. Os arquivos municipais ocupados com a nomenclatura de logradouros nem sequer sabem dizer se o nome Manuel Preto, tirado das duas ruas, era do bandeirante. Mas os livros e os documentos ainda resistem, e estão bem guardados ao alcance de quem se dispuser a conhecê-los. Mostrarei agora, àqueles que não puderem lê-los, cópias de trechos deles, que compilei e repetirei *“ipsis literis”*, sem fugir, deliberadamente, à redundância, quando dois ou mais autores discorreram sobre os mesmos fatos. Quero romper o silêncio! Quero avivar a memória nacional!

O Meridiano de Tordesilhas.

“A localização da linha Belém-Cananéia faria ao Brasil hodierno a ablação total do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Amazonas e dois terços do território de São Paulo, Goiás, nove décimos do Pará, grande trato de Minas Gerais, em suma, uns cinco e meio ou seis milhões de quilômetros quadrados.” (15 - pag. 25). Mais da metade do território atual do Brasil!

A união das monarquias de Portugal e da Espanha, sob Felipe II (1579-1598), a quem os portugueses odiavam, favoreceu os portugueses que viviam na América. O Meridiano de Tordesilhas perdeu imediatamente o significado, depois dessa união.

1562 ou 1582?

[Manuel Preto era] “Paulista, filho de Antônio Preto, que veio na armada de Diogo Flores de Valdés (Valdez), em 1582 ou 1583, casou-se com Águeda Rodrigues, filha do português Gonçalo Madeira e de sua

mulher Clara Parente. Pedro Taques escreve que Manuel Preto era português que veio em 1562 com seu pai Antônio Preto e foi o fundador, em 1580, da fazenda onde depois se ergueu uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Ó. ... Já vimos que tudo isto é um erro de Pedro Taques. A capela do Ó ele a fundou em terras adquiridas cerca de 1612.” (1), (9, Tomo II, pág. 103). Manuel Preto nasceu provavelmente em 1583 (4, pág. 13) e seu pai era o mesmo que, em 1575, exerceu as funções de juiz ordinário na Câmara de São Paulo (4, pág. 11). Aquele Antônio Preto que veio em 1562 foi outro, talvez até fossem parentes. Antônio Preto faleceu depois de 1610, mas quatro dos seus seis filhos, em 27 de setembro de 1618, declaravam ter muitos filhos. Eram: José Preto, Manuel Preto, Sebastião Preto e Inocêncio Preto, todos eles notáveis bandeirantes, especialmente Sebastião. (8, vol. VIII, pág. 269). “Manuel Preto foi o fundador da capela da Senhora da Expectação, hoje Freguesia do Ó, termo da cidade de São Paulo, onde estabeleceu fazenda de criação de animais e plantação de cana em 1580 (sic) chegando a possuir mais de 1000 índios de arco e flecha, conquistados no assalto às reduções espanholas pelos anos de 1623 a 1624...” etc. (9, Tomo II, pág. 103).

Manuel Preto teve seis filhos com Águeda Rodrigues: Manuel Preto, o Moço, bandeirante; Antônio Preto; Clara Parente (neta de outra); Maria Antunes, Antônia Preto e João Preto, este acrescentado por F. A. de Carvalho Franco in *Dicionário dos Bandeirantes* (1), (8, vol. VIII, pág. 279). Ele foi ... “destemido paulista, denominado o herói de *Guairá* por se haver distinguido no ataque e destruição dessa cidade espanhola na margem do *Paraná*” (9, pág. 103). “Sem dúvida nenhuma foi o sertanista mais completo e representativo de sua geração e um dos maiores de todos os tempos.” (4, pág. 15).

Ouçamos a voz da História relatando os quase trinta anos da vida aventureira e heróica de Manoel Preto, **O Herói Quase Esquecido**.

1600

“É o século XVII, por excelência, o do bandeirismo que, com ele nasce, com ele avulta prodigiosamente, preparando para a centúria seguinte, a consolidação da posse brasileira sobre enorme área extratordesilhana que não devia ser portuguesa, à fé dos tratados” (6, pág. 3). “No ano de 1600, além da chegada da bandeira de Domingos Rodrigues, que por quatro anos andara por além Tordezilhas, a principal nota do bandeirismo paulista foi o “*raid*” de Manuel Preto. O futuro herói de Guairá, o tigre dos sertões sulinos, é assinalado nas coxilhas rio-grandenses, afrontando o açoite gélido do minuano e as armas guaranis no Uruguai. Aí foi o *velho* (sic) sertanista, o *morgado* (sic) de N.S. da Expectação, encontrado pelo eminente mestre Affonso Taunay, que o

marca no belíssimo mapa das bandeiras, de sua autoria, um dos documentos mais atraentes do Museu Paulista.” (5, pág. 72).

1602 - 1603

“Foi sim um dos maiores sertanistas de São Paulo, no século XVII e desde 1602 o encontramos caçando índios no Sul brasileiro. Nesse ano ele era um adolescente e tomou parte na entrada de Nicolau Barreto ao Guairá” (1). Da *Acta* do dia 22 de março de 1603 consta que o ouvidor da Capitania de São Vicente mandou Nicolau Barreto ao sertão, com perto de “300 homens e mais gentios e escravos de guerra.” (14, vol. II, pag. 126).

Manuel Preto participou da bandeira de Nicolau Barreto, em 1602, que provavelmente foi até o Potosi, no Peru. Voltou a São Paulo na segunda metade de 1604. Embora adolescente, seu nome estava na lista de Azevedo Marques (4, pág. 17), (3, pag. 57). A entrada comandada por Nicolau Barreto estava pronta para a partida em agosto de 1602. Compreendia cerca de 300 lusos, paulistas e mamelucos, além de milhares de índios frecheiros.

“Foram, nessa ocasião, com Barreto, todos os grandes vultos do bandeirismo da primeira metade do seiscentismo, a época heróica dessa epopéia. “Graças à organização militar que D. Francisco [de Souza] deu às empreitadas de penetração bandeirante, a tropa estava bem repartida, com seus serviços em ordem, dissemelhando-se, nesse particular, do que foram, no quinhentismo, as expedições desse gênero.

“Derby, no seu trabalho a propósito do feito do sertanismo, publicou na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*” vol. VIII, pag. 401, uma nominata de componentes dessa leva, mas eu, graças a documentação municipal (*Actas*, vol. II, pág. 126) e ao inventário de Martim Rodrigues Tenório, do qual consta o testamento do mesmo, feito no sertão (*Inventários e Testamentos*, Vol. II, págs. 21 a 27), consegui elaborar uma lista mais completa, que consta dos seguintes nomes: Aleixo Leme, ... Nicolau Barreto (cabo da tropa), Manuel Pais, Manuel Preto (o futuro herói do Guairá), ...e Martins Rodrigues Tenório” (3, pág. 54), (5, pág. 75).

“A partida foi a 8 de setembro de 1602, ...” (3, pág. 59).

“Demorou a bandeira no sertão, tendo o famoso sertanista Manuel Preto, principal auxiliar de Barreto, se apoderado perto do arraial castelhano de Villa Rica de uma leva de temiminós, ‘pés largos’ e carijós, que os padres pretendiam conduzir às suas reduções, e os desviou para a sua fazenda de N. S. da Expectação, mais tarde Freguesia do Ó.” (12, pág. 61).

“Sebastião Preto [o irmão de Manuel], nesta altura, estava com sua expedição no Guairá, tido pelos missionários espanhóis como um dos piores inimigos das reduções. No dizer de Basílio de Magalhães,

teria ocorrido nesta bandeira o estranho episódio de Manuel Preto ter angariado 900 índios e quando voltava ao planalto fora alcançado pelo capitão da Vila Rica, que lhe tomou 500 guaranis, cuja metade lhe fugiu para novamente se juntar aos paulistas, crentes de que com eles estariam melhor” (12, pág. 71).

Expedições para trazer índios eram chamadas “descimentos”. Para os paulistas, os trabalhadores índios eram chamados “peças”, enquanto os espanhóis os chamavam “encomiendas”. Para os jesuítas, eram “catecúmenos” mas, ainda que o nome fosse outro, eram do mesmo modo trabalhadores braçais, utilizados nas construções das quais ainda hoje se vêem as ruínas monumentais, e nas lavouras em torno das reduções.

1606 - 1607

“Foi em seguimento a esse alto feito do bandeirismo que, em 1606, encontramos, cativando índios e voltando de uma peregrinação em Guairá, o famoso capitão Manuel Preto, que trouxe de Vila Rica bojudo carregamento de índios apresados, como se pode verificar em *Actas* vol. II, pág. 184.” (3, pág. 110).

“Em 1606 percorreu novamente essa região, e ao regressar de Vila Rica do Espírito Santo, arrebanhou inúmeros temiminós de paz, que trouxe a São Paulo.” (1).

“Em princípios de 1607, voltava do Guayrá o capitão Manuel Preto, trazendo do caminho de Villa Rica índios apresados para sua fazenda de N. S. da Expectação (hoje N.S^a do Ó). (14, *Actas* vol. II, pág. 184).” (5, pág. 91).

Das Actas: “Aos sete de janeiro de mil seiscentos e sete anos nesta vila de S. Paulo capitania de S. Vte de que he capitão gdor pr sua magestade o sôr lopo de souza etc. estando nesta caza do concelho os ofisiais da camara Dos luis e frco velho breadores e o juiz anto pedroso loguo perante elles requereu gaspar nunes procurador dos indios forros desta vila que ele era enformado que mel preto: troichera mtos temiminos que vinhão de sua terra en busca dos brancos os quais vinhão de pazes y elle mel preto vindo de Villa Rica os encontrara no caminho e os troichera a sua caza pr tanto requeria aos ditos ofisiais os mandassen vir todos e os depozitasen na mão de hu omen sen sospeita para se lhes fazer perguntas do que vinhão e ao que asin requeria...” (14, *Actas*, vol. II, pág. 184).

“Parece ter sido Gaspar Nunes um procurador solícito dos pobres índios. Dois dias antes de nossa sessão a 7 de janeiro confirmara ele à Câmara fatos graves havidos no sertão. Voltando de Villa Rica, encontrara Manoel Preto, o famoso bandeirante, muitos temiminós que vinham a São Paulo de pazes e ele, com toda a iniquidade os arrebanhara, escravos, para sua fazenda. ‘Assim requeria’ a apreensão destes

pobres índios de quem se indagaria a que vinham a Piratininga sendo depositados *'na mão de hu omen sen sospeita'* para se lhes fazer perguntas." Ata da Câmara de 7 de janeiro de 1607. (6, página 22 - 7, página 255).

1611

Dom Francisco de Souza faleceu pobre, em 1611, em São Paulo, conforme Pedro Taques (6, pág. 36).

Em 1611 Sebastião Preto foi ao sertão. "Ninguém conhecia mais a região do Guairá do que o Capitão Manuel Preto. Ali estivera em 1606, talvez tenha seguido com seu irmão Sebastião Preto na entrada de 1611 ao mesmo sertão, voltara em 1618 e fora chefe da expedição de 1623 - 1624." (4, pág. 6).

1615

"A ermida do Ó. Uma coisa é certa; a sesmaria de duas léguas concedida aos quatro irmãos pelo Capitão mor e Ouvidor Gonçalo Correia de Sá, a 27 de setembro de 1618 é bem posterior à iniciativa de Manuel Preto de fundar uma capela em suas terras. Com efeito, foi a 29 de setembro de 1615 que o prelado e administrador da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mateus da Costa Moreia, despachou favoravelmente a seguinte petição: 'Diz Manuel Preto que ele tem devoção de fazer uma capela de Nossa Senhora da Esperança para nela se celebrar missa, porquanto está longe da vila e não pode acudir à missa todas as vezes que é obrigado, nem sua gente, que é muita, pelo que pede a Vossa Senhoria lhe dê licença para se levantar altar nela, pagando a chancelaria ordinária, e possa enterrar seus defuntos, batizar e casar, sendo primeiro os banhos corridos na matriz, no que receberá mercê'" (4, pág. 41).

1618

"Mas logo nos primeiros meses de 1618 não há sinais de que os dois irmãos [Sebastião e Manuel] tenham permanecido na vila. Já se revelou, com base na documentação espanhola que nesse ano Manuel Preto surgiu nas imediações do *pueblo* de Loreto, na foz do Pirapó, afluente da margem esquerda do Paranapanema, à frente de uma tropa. O padre Antônio Rodrigues de Montoya conta que o chefe sertanista, diante de seus rogos, voltou às canoas e se retirou, navegando contra a corrente. Já na foz do Tibagi, porém estanciou algum tempo e capturou índios. Afirma o mesmo Montoya que nessa retirada Manuel Preto foi acometido por um *tigre*, que o feriu na cabeça e duas vezes nos braços." (4, pág. 42).

(Raposo Tavares) ... “Vindo de Portugal aos 20 anos em 1618 com seu pai casara-se logo depois. A 24 de outubro de 1622 dera-lhe a Câmara de São Paulo terreno para que ele edificasse sua casa na vila...” (6, pag. 97). Nesse ano, Manuel Preto já era experimentado sertanista.

1619

[Manoel Preto] “Nos anos a seguir, continuou talando essas paragens e, em 1619, após andar sertanejando na própria capitania, à cata de minas, foi assaltar as reduções jesuíticas de Jesus Maria, Santo Inácio e Loreto. Tinha, já nessa época, segundo refere o padre Simão Maseta, o título de mestre de campo.” (1).

“Em 1619 prosseguindo na campanha entre o grupo lusoplanaltino e o hispano-jesuíta-guarani, encontramos o sertanista Manoel Preto -- segundo nos relata Basílio de Magalhães (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo especial, vol. III, página 980 -- tirando grandes contingentes de índios das aldeias de Jesus Maria (?) e de Santo Inácio. Dizem as crônicas que essa expedição gigantesca se compunha de cerca de 900 mamelucos e 2000 índios, dirigidos por cerca de 70 paulistas e europeus.” (3, pág. 113).

“Atacando seguidamente os estabelecimentos jesuíticos do Sul, tirou em 1619 grandes contingentes de índios das aldeias de Jesus Maria e Santo Inácio e pelos anos de 1623-1624 apresou, nesta mesma região, mais de 1000 índios frecheiros com os quais passou a lavar suas grandes terras da Expectação, nos subúrbios de S. Paulo, hoje Nossa Senhora do Ó” (7, págs. 194-195).

“Em 1619 ocorreram as entradas de Manoel Preto e certo frei Tomé, à procura das ‘pedras de Jecohaigeibira.’” (15, pág. 32).

1623 - 1624

“Em 1623 e 1624 [Manuel Preto] capitaneou nova entrada ao Guairá, destruindo algumas reduções jesuíticas e trazendo numerosa escravaria indígena para São Paulo. Em 1626 andava processado como cabeça de entradas ao sertão e por violências praticadas em tal mister, sendo impedido de exercer o cargo de vereador para o qual fora eleito.” (1).

“Este paulista [Manuel Preto], fazendo várias entradas aos sertões do Rio Grande, chamado Paraná pelos mapas castelhanos, e aos do Rio Uruguai, conquistou tanta cópia de índios que chegou a contar na sua fazenda da capela do Ó 999 índios de arco e flecha. Dele faz odiosa menção Dom Francisco de Xarque de Andela (2, tomo I, págs. 79-80) no livro das vidas dos padres Simão Mazeta e Francisco Dias Tanho, missionários da província do Paraguai, impresso em Pamplona no ano de

1687, no capítulo XVI, descrevendo, com conhecida paixão a entrada que fez Manoel Preto no sertão do Paraguai, assaltando a redução de S. Inácio, que pelos anos 1623 para 1624 era superior o padre Simão Mazeta e a do Loreto os padres Antonio Ruiz e José Cataldino. E depois de tocar o autor nestes assaltos das povoações de Santo Inácio e Loreto, passa no cap. XXV do mesmo livro, a ressaltar o sucesso da redução de Jesus, Maria e José, com o mesmo padre Mazeta; e o caráter que dá aos paulistas é de *mamelucos, gente atrevida, belicosa e sem lei, que só têm de cristãos o batismo e são mais carniceiros do que os infiéis*. Encaixea tanto, que afirma que a tropa dos paulistas se compunha de 800 *mamelucos* (estes são os brancos) e de 3.000 *tupis* (estes são os índios administrados dos paulistas, que naquele tempo tinham por seus administradores aos que no sertão os conquistavam, e do centro da gentildade os traziam ao grêmio da igreja, ficando os seus descendentes também sendo administradores), com armas de fogo e outros instrumentos de guerra. E para uma pequena noção do ódio castelhano contra os paulistas, copiamos aqui uma breve expressão desse autor Dom Francisco Xarque de Andel no referido livro, capítulo XXV, que assim diz:

“... encontraron el exercito que se formaba de 800 ‘Mamelucos’ y 3.000 indios ‘Tupys’, con armas de fuego y otros instrumentos de guerra. Estos dieron como lobos em aquellos corderos que salian a su recibo, cargando-les de prisiones e cadenas, quitandoles los pobres vestidos, y con toda la tiranía y crueldad.... cativando la gente desvalida y matando a todos cuantos hallaban con brio, en quen presumian resistencia.... haciendo escarnio de las cosas sagradas, con mas osadia que los herejes en Inglaterra...” Do livro *Insignes misioneros de la compañía de Iesu en la provincia del Paraguay*. (2, Tomo I, págs. 79-80).

“Segundo Pedro Taques e documentação espanhola, o ‘afamado Manoel Preto’, autor de ‘várias entradas aos sertões do Rio Grande, chamado Paraná pelos mapas castelhanos, e aos do Rio (2, tomo I, págs. 79-80)’ pelos anos de 1623 para 1624 investiu contra as reduções de Santo Inácio de que era superior o padre Simão Mazeta, de Loreto, onde atuavam os padres Antonio Ruiz e José Cataldino, e de Jesus, Maria e São José. A tropa paulista era constituída de ‘800 *mamelucos*’ e ‘3000 *tupis*’, gente atrevida, belicosa e sem lei, na caracterização que lhes dá o autor do livro *Insignes misioneros de la compañía de Iesu en la provincia del Paraguay*, Dom Francisco de Xarque.” (4, pág. 49).

“É, porém, muito possível, e mesmo provável, ter sido essa a bandeira chefiada pelo capitão Manuel Preto, que, nesse ano de 1623 e princípios do seguinte, penetrou no Guairá, onde atacou várias reduções jesuítas, capturando cerca de 1000 índios, que trouxe para São Paulo (*Basílio de Magalhães - Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo especial Vol. II, pag. 98*) (*Pedro Taques, Nobiliarquia Paulistana, Genealógica e Histórica*).” (5, pag. 107).

“Em dezembro de 1623, as bandeiras citadas acima, as de Sebastião Preto, Henrique da Cunha Gago e Manuel Preto, ainda não haviam chegado ao povoado paulistano, conforme se vê pelo documento seguinte, constante do Vol. III, pág. 14, das *Actas*” (5, pág. 108).

“Em abril de 1624, porém, encontramos em São Paulo o capitão Manuel Preto, bem como muitos paulistas, companheiros de Sebastião Preto (da lista acima), assinando uma ata na assembléia popular, de indignado protesto contra uma provisão do Governador, sobre os quintos, dízimo que ele queria impor sobre o número de índios recentemente trazidos do sertão, os mesmos que os signatários sertanistas nomeados apresaram nas entradas acima referidas” (*Actas Vol. III, pág. 101*) - (5, pág. 109) (7, pág. 196).

“Assim ficaram os paulistas inactivos no bandeirismo. Ocupavam-se com o contínuo chocalhar de suas armas nas constantes idas e vindas pelo ‘Caminho do Mar,’ ao menor rebate de inimigo na costa. Procedeu-se, com açodamento, à mobilização da população máscula, pondo-se à frente della, arregimentada e dividida em companhias, os capitães Manuel Preto, Antônio Pedroso de Alvarenga, André Fernandes e Fradique de Mello Coutinho” (*Actas, Vol. III, págs. 136 e 142*) - (5, pág. 110).

Em 21 de novembro de 1624 Manuel Preto assinou documento com outros a respeito da reserva de pólvora da vila de São Paulo, que estava sendo reclamada no litoral, mas que foi recusada porque era muito pouca, tão pouca que nem serviria para os canhões (6, pág. 73).

1627 - 1628

“Cada vez mais se delineava o movimento que ia resultar, dentro de meses a grande bandeira de Antônio Raposo Tavares e Manuel Preto, arrasadora das reduções jesuíticas do Guairá.” (6, pág. 78).

A 11 de junho de 1627 apregoavam-se “com as penas da lei que ninguém vá ao sertão.” A 8 de julho de 1627, a Câmara queria saber como era que o Governador do Paraguai ia passar pela vila, vindo do Rio, em direção ao seu Governo se o caminho era proibido. A 27 de julho de 1627 diziam o juiz ordinário Sebastião Camacho e o vereador Balthazar de Godoy que não se fazia sessão “por os mais vereadores serem idos fora.” É que tinham arrancado de São Paulo na bandeira de Antônio Raposo Tavares (6, pág. 80).

Citando carta do P. Nicolau Duran, provincial da Província do Paraguai, a 4 de setembro de 1627, datando-a de Buenos Aires (conf. *Anaes do Museu Paulista, Tomo I, pág. 69*): “Não há no Paraguai força capaz de resistir a essa gente! Não teme excomunhões, não obedece a cédulas reais, não faz caso da justiça de Deus nem da dos homens! Tendo como certo que, enquanto não se arrazar esta vila de São Paulo, não se porá termo a essas tiranias e crueldades. Assim, ano e meio

antes do grande assalto da bandeira de Manoel Preto e Antônio Raposo Tavares, já o provincial paraguaio augurava a ruína das fundações da Companhia, se a São Paulo não se aplicasse o terrível processo do arrasamento” (7, pág. 246).

“Em 22 de junho de 1628, sempre com o posto de mestre de campo [Manuel Preto] foi encarregado pelo capitão mor governador Álvaro Luís do Vale de conduzir o governador do Paraguai, Dom Luís de Céspedes e Xeria, pela via do Tietê. Parece, porém, que apenas orientou a jornada, acompanhando-a até certo ponto, pois em agosto desse mesmo ano de 1628, como mestre de campo, pôs-se à frente duma grande bandeira, tendo como capitão mor seu imediato Antônio Raposo Tavares, e dirigindo-se para a região do Guairá, ali atacou e arrasou a maioria das reduções jesuíticas existentes, bem como algumas nos campos do Iguaçu. O donatário da capitania, Dom Álvaro Pires de Castro e Sousa, Conde de Monsanto, considerou tão valiosos os serviços prestados por Manuel Preto aos seus domínios que o premiou com a patente de governador das Ilhas de Sant’Ana e de Santa Catarina.” (1).

Manuel Preto, com 6 índios apenas, recebeu a incumbência de acompanhar o governador do Paraguai, Dom Luiz de Céspedes e Xeria, chegado a São Paulo em junho de 1628 (4, pág. 67). Mas Manoel Preto não foi, permaneceu em São Paulo, escolhido como o mestre de campo da entrada (4, pág. 68).

“Em julho de 1628 aparecia em São Paulo Dom Luiz de Céspedes Xeria nomeado governador do Paraguai. Sua presença insólita grande estranheza trouxe aos paulistas de quem ao Rei disse horrores. Seriam, conforme afirmou: uns quatrocentos homens capazes de pegar em armas.

“A documentação espanhola que publicamos sobre este personagem deixa fora de dúvida que ele professava os mesmos sentimentos escravistas que os seus injuriados. Tudo faz crer que como rico senhor de engenho no Rio de Janeiro, viera participar dos resultados da grande empresa escravista que Manuel Preto e Antônio Raposo Tavares preparavam com o fim de arrazar os grandes aldeamentos guaranis jesuíticos estabelecidos ao sul do Paranapanema. Entretanto, hipocritamente, escrevia a Felipe IV que deixara *‘aquella mala tierra con toda priessa*.

“No segundo semestre de 1628 abalou de S. Paulo para o Sul a grande bandeira de Preto e Tavares que aniquilou as reduções do Guairá, recolhendo avultado comboio avaliado pelos autores jesuíticos em muitos milhares de cativos, o que nos parece exagerado.

“Dois inacinos, os padres Mansilla e Mazzeta acompanharam os aprisionados e foram à Bahia pedir ao Governador Geral Diogo Luiz de Oliveira, providências repressivas e reparadoras. Nada de prático obtiveram. Voltaram convencidos da conivência tácita do Delegado Régio que *pro forma* mandou representante seu sindicarem os fatos de S. Paulo. Viuse este compelido a fugir desabaladamente.” (17, pág. 25).

Depois de tanto esforço, os “insignes misioneros” não conseguiram convencer a voltar mais do que 12 índios. Eles diziam que “rendidos del miedo, elegiam quedarse en su misera servidumbre.” Isto é, decidiram não voltar aos senhores anteriores. (6, pág. 90).

“A respeito da estrutura do grande exército paulista, sem dúvida o maior de todos os tempos, pois compreendia 900 ‘portugueses’ e 1200 índios de arco e flecha, os jesuítas espanhóis fornecem pormenores dignos da maior atenção. Constituía-mo 4 companhias: *El que fué declarado por capitan mayor de la primera compañía fué Antonio Raposo Tavares que tomó por su alferes a Bernardo de Sosa y a Manuel Preto por su sargento, y por capitan de su avanguardia a Antonio Pedroso y de su retaguarda a Salvador Pires*. Em seguida: *De las otras compañías han sido capitanes Pedro Vaz de Barros, Blas Leme e Andrés Fernandes. Por maese de campo de todas las compañías fué Manuel Preto, auctor de todas estas malocas como en su lugar se dirá*” (*Anaes do Museu Paulista*, Vol. 1º, 2a. parte, pág. 248) - (4, pág. 69).

“O donatário da Capitania, Dom Álvaro Pires de Castro e Sousa, Conde de Monsanto -- esclarece Carvalho Franco, que realizou pesquisas próprias em torno do episódio -- considerou tão valiosos os serviços prestados por Manuel Preto aos seus domínios que o premiou com a patente de governador das Ilhas de Sant’Ana e Santa Catarina (*Dicionário dos Bandeirantes e Sertanistas etc.*)” (4, pág. 78).

“Em 1628, Manuel Preto e Raposo Tavares militarizaram esses empreendimentos, dando verdadeira organização bellica às bandeiras, de maneira a serem os seus resultados mais completos. Nessa data os paulistas, ao mando desses dois caudilhos intemeratos, deram tremenda batida nos jesuítas do Guayrá, conquistando todo esse grande território que é o Estado do Paraná. Não contentes com isso, atravessaram o caudal desse nome, passando ao Mato Grosso, cujo solo também limpavam de castelhanos e ignacianos” (5, pág. 33).

“Em 1628 Antônio Raposo Tavares e Manuel Preto ... organizaram uma famosa bandeira, que tinha por objetivo a conquista do Guairá.” (5, pág. 117).

“É muito sabida já, a famosa bandeira de 1628, comandada por Manuel Preto e Antonio Raposo Tavares, que destruiu Guairá, incorporando-o ao nosso território paulista.” (5, pág. 120).

“Teria a bandeira saído de São Paulo em outubro de 1628 e permanecido em campanha no sertão até depois de 1630, quando morreu flechado seu chefe supremo, Manuel Preto, para poder em 1631 completar a conquista com a destruição de Vila Rica, reduções de Ivaí, Pequeri e Ciudad Real? (5, pág. 123)

“Tudo isso faz crer que a bandeira partira sob o comando de Manuel Preto e Raposo Tavares em outubro de 1628, logo depois da morte daquele caudilho, e depois de haver esmagado as reduções de Tibagy, tais como Santo Antônio, San Miguel, Jesus Maria, Encarnación,

San Xavier e San Joseph, bem como as situadas no Paranapanema (foz do Pirapó), Santo Inácio e Loreto, voltou a S. Paulo, onde se encontraram assinadas as vereações, logo no começo de 1630, quer dizer que essa bandeira esteve em campanha apenas de outubro de 1628 a fins de 1629". (5, pág. 125).

"Auténtico ejército particular, organizado en Tercios y banderas, eso es exactamente la "entrada" (y no "bandeira") de Manuel Preto (y no de Raposo Tavares), ao Guayrá, que arrasó por completo tan florescien-tes misiones..." (13, pág. 432)

"Luego, el nombre, que a tal "entrada" cabe dar, es el de "entrada de Manuel Preto" y nunca el de "bandeira de Raposo Tavares", como los historiadores, tan falsamente le han atribuido asta el momento." (13, pág. 433).

"Manuel [Preto] foi talvez o *primus inter pares* dos bandeirantes de seu tempo. Na grande incursão de 1628 ao Guairá, era o chefe supremo do exército paulista, no qual, afirmam-nos os jesuítas, vinha Antonio Raposo Tavares como seu lugar tenente. Morreu em 1630, pelejando com os índios do Sul" (7, pag. 239).

Citando carta do P. Nicolau Duran, provincial da Província do Paraguai, a 4 de setembro de 1627, datando-a de Buenos Aires (*conf. Anaes do Museu Paulista, Tomo I, pág. 69*): *"Todas 'las entradas' de alguna categoría, cuentan además con 'Capellán' y 'Escribano.' La 'entrada' de Manuel Preto, que, em 1628, aniquiló la reducción de Jesus Maria, llevó nada menos que 'dos Capellanes, Religioso uno y otro Clérigo, que lo eran deste ejército'..."* (13, pág. 369).

1629 - 1630

"Em 1629 ocorreu um dos mais notáveis episódios da história do bandeirantismo, a destruição das grandes reduções do Guairá pela coluna paulista, pequeno corpo de exército, a que chefiavam dois homens férreos: o velho Manuel Preto e o jovem Antônio Raposo Tavares." (15, pág. 47)

"Três dias antes [a 20 de março de 1629] outra coluna da tropa de Preto, comandada por Manuel Mourato, apossara-se de Jesus Maria, fazendo enorme cópia de cativos. Só homens válidos, mais de 1500. ... Preferiram os chefes bandeirantes voltar a S. Paulo com a avultada presa feita. É provável que por volta de maio de 1629 estivessem em sua vila. Apenas chegado partira Manuel Preto novamente em campanha, agora para Santa Catarina." (15, págs. 48, 49, 50).

"En 1629, los padres Maceta y Mansilla, de la Compañía de Jesus denuncian, ante el Rey de España, la destrucción de sus misiones del Guayrá, por las banderas comandadas por Manuel Preto." (13, pág. 348)

“... Arrasadas las Misiones del Guayrá por la entrada que comentamos de Manuel Preto, dos heróicos jesuítas, los PP. Maceta y Mansilla...” (13, pág. 408).

“El nombre que tales expediciones reciben es exactamente el de entradas y nunca jamás el de “bandeiras” y el comando en jefe atribuyénselo a Manuel Preto y nunca jamás a Raposo Tavares.” (13, pag. 395).

“... en el primero de mayo deste año de 1629, quando nosotros llegamos a S. Pablo, se fueron otra vez allá, la una por tierra, y la otra de Manuel Prieto muy grande por mar, nos consta por testigos de los que de S. Pablo llegaron a esta ciudad, ...” (13, págs. 480-481).

“Em 1629 recebeu Manuel Preto permissão do Conde de Monsanto para governar a Ilha de S. Catarina, mercê da qual não se pode valer por ter morrido em combate, pouco depois” (15, pág. 201).

“Em maio de 1629, o governador Manoel Preto à frente de sua *muchissima gente* abalou de São Paulo, desceu até Santos e encetou viagem por mar, com destino às terras de sua jurisdição. Em julho de 1629 nelas já se encontrava, pois a 15 desse mês e ano nomeava Manuel Homem da Costa para o posto de sargento mor das ilhas em apreço [Sant’Ana e Santa Catarina] (*Dicionário dos Bandeirantes e Sertanistas etc.*) (4, pag. 78)

“Manuel Preto que havia regressado do Guairá no fim de 1628, formou em São Paulo outra leva e em maio de 1629 embarcou por mar, com destino a Santa Catarina, para ali tomar posse das terras e fundar arraial ... Talvez em princípios do ano seguinte, tendo-se internado no sertão, ali foi morto pelos silvícolas a frechadas, noticiando-se este fato na vila de São Paulo em 22 de julho de 1630. Pedro Taques assegura que Manuel Preto destruiu as reduções no Ivaí, no Tibagi e no Uruguai. O fato é que Manuel Preto contribuiu notavelmente para nossa expansão geográfica sulina e escusamo-nos de estar querendo aqui alongarmo-nos com seu merecido panegírico...” (C. Correia Luna, *Campaña del Brasil*, cit. 10-20-23 - *Anais da Biblioteca Nacional - XXXIX*, 88 - Pablo Pastells - *História de la Compañia de Jesus*, cit. I, 226-254 - Pedro Taques - *Nobiliarquia Paulistana, Histórica e Genealógica*, 5a. edição, Livraria Itatiaia Ltda. - São Paulo - 1980 - I, págs. 14 - 58).” (1, pág. 318). Obs. na 5a. Edição cit. é págs. 79-80.

A expedição, em 30 de janeiro de 1629 ataca a aldeia de Santo Antônio. Em 23 de março de 1630 ataca os *pueblos* de São Miguel e Ibituruna, Jesus Maria, Encarnación. Todos deveriam estar de volta a São Paulo em começos de maio de 1629 (4, pág. 72).

“Procedem dos jesuítas alguns pormenores a respeito de seu retorno do sertão, nos primeiros meses de 1629. Manuel Prieto - diz essa documentação - *grande fomentador, auctor y cabeza de todas entradas y malocas, que ya toda su vida ha andado en ellas, llevando a otros muchos portugueses y tupys en su compañía para traer yndios a*

fuerça de armas, y agora ultimamente ha dicho que quiere morir en ellas, luego que este ano bolbio a San Pablo com Pedro Vaz de Barros, en cuja companhia avia ydo, luogo sin descansar se fue otra vez com muchissima gente de Portugueses mamalucos y tupys con titulo de poblar el puerto de S. Catalina, pero el intento que lleva es captivar e dessollar yndios, y para abonar esta su empresa lleva consigo un sacerdote, que por rason de su estado religioso tiene obligacion de abominar estas entradas tan injustas. (Anais do Museu Paulista, 2º vol. págs. 263/264)” (4, 77).

“Gran fomentador auctor y cabeza de todas estas entradas y malocas, proclamava que sua grande aspiração era morrer no decurso de suas correrias.” (15, pág. 50).

“... contiene nada menos que la relación nominal de 69 personas, que integran la ‘bandeira’ de Manuel Preto contra las Misiones.” (13, pág. 374).

“‘Manuel Prieto grande fomentador, Auctor y Cabeza de todas estas entradas, y malocas,’ que ya toda su vida ha andado em ellas, lleuando a muchos otros Portugueses, y tupys, en su compañía, para traer yndios a fuerza de armas, y agora vltimamente ha dicho, que quiere morir en ellas.” (13, pág. 396 e 476).

“... y ahora con Manuel Prieto, (repárese que dice con Manuel Prieto y no con Raposo Tavares, pues el jefe de la ‘entrada’ es aquel y no éste, como tan erróneamente han afirmado los historiadores, ...” (13, pág. 398).

“La respuesta nos la da, sin querer, la propia “Relación,” quando nos dice: “Por Maese de Campo de todas estas compañías fué Manuel Prieto...” (13, págs. 401).

“Tal título ... debe, por tanto, ser dado a otro que fué su verdadero jefe, Manuel Preto, debiendo, por tanto, tal pseudo-bandeira denominar-se “entrada de Manuel Preto” y no “Bandeira de Raposo Tavares”, como hasta aquí.” (13, pág. 403).

“É geralmente sabido que dois missionários abnegados, os padres Justo Mansilla Van Sarck e Simão Mazzeta de longe acompanharam a coluna de Manuel Preto e Antonio Raposo Tavares [bandeira de 1628/1629] e de S. Paulo foram até a Bahia a fim de obterem do Governador Geral Diogo Luiz de Oliveira uma ação repressiva das entradas. Nada de prático conseguiram.” (6, pág. 83)

“Eleita a Câmara de 1629, nas suas vereações não se lê uma só palavra acerca da expedição do ano anterior. Por elas não se acham vestígios da notabilíssima jornada de Raposo Tavares, cujas conseqüências iam ser imensas para o futuro do Brasil” (6, pág. 81).

“Assim Manuel Preto ao voltar da expedição em que acabara de arrasar as missões jesuíticas de Guayrá e como sempre ‘gran fomentador, auctor y cabeza de entradas y malocas’ anunciava que pretendia

povoar a Ilha de Santa Catarina com numerosos brancos, mamelucos e tupys. Isto em 1628". (18, págs. 17-18)

"Manuel Preto, que de S. Paulo saíra 'com capa de colonizar o território de Santa Catarina' dizia o padre Maceta (ou Mazzeta) no auge da irritação, homem mau 'auctor de todas estas entradas' e a quem acusa de ser um dos maiores, senão o maior propulsor do bandeirantismo de seu tempo, Manuel Preto, este morrerá no sertão, *con mui buenos flechasos que le dieran los indios contra quienes yva. Ya sus parentes y la demás gente de su compañía se han buelto con los indios que pudieran cativar*" (6, pág. 89).

"Do Conde de Monsanto recebeu a 15 de julho de 1629, a provisão de governador da Ilha de Santa Catarina.

"Talvez haja sido em território catarinense que o famoso cabo de tropa perdeu a vida graças aos '*mui buenos flechasos que le dieran los indios*' como escrevia em julho de 1650, o padre Simão Mazzeta ao Procurador da Província de Portugal. E comentava: '*Plega ao Señor no haya poblado el Infierno.*'" (18, pág. 17-18).

"Todavia, pelo menos desde 22 de julho de 1630 -- isto é, cerca de um ano após a nomeação de Manuel Homem da Costa para o posto de sargento mor das Ilhas de Sant'Ana e Santa Catarina -- já se sabia em São Paulo da morte do governador Manuel Preto. A notícia foi transmitida de 'Piratininga', com largas e reiteradas alvíssaras pelo jesuíta Simão Maceta, para o padre Francisco Crespo..." (*Anais do Museu Paulista*, etc.) (4, pág. 79).

E agora, 366 anos depois de sua morte, a ingratidão de seus patrícios está condenando à destruição sua memória, mumificada nos rotos documentos e nos livros raros. Seu nome não mais é mencionado entre os dos grandes vultos aos quais o Brasil deve a sua extensão territorial e a união de seu povo pela língua comum.

.....

Obras citadas:

- (1) - **Franco**, Francisco de Assis Carvalho - *Dicionário dos Bandeirantes e Sertanistas - Séculos XVI, XVII, XVIII* - Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Serviço de Comunicações Culturais - São Paulo - 1953.
- (2) - **Paes Leme**, Pedro Taques de Almeida - *Nobiliarquia Paulistana, Histórica e Genealógica*, 5a. Edição, Livraria Itatiaia Ltda., São Paulo, 1980.
- (3) - **Ellis Jr.** Alfredo - *Meio Século de Bandeirismo (1590-1640)* - Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1939.

- (4) - **Azevedo**, Victor de - *Manoel Preto, o Herói de Guairá* - Coleção Paulística Vol. XXII- Edição Fac-similada pelo Governo do Estado de São Paulo.
- (5) - **Ellis Jr.** Alfredo - *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* - Cia. Editora Nacional - São Paulo - 1934.
- (6) - **Taunay** Affonso de Escragnole - *História Seiscentista da Vila de São Paulo* - tomo primeiro - 1600 - 1653 - Typographia Ideal - Heitor L. Canton - São Paulo - 1926.
- (7) - **Taunay** Affonso de E. - *História Geral das Bandeiras Paulistas* - tomo primeiro - Typographia Ideal - H. L. Canton - São Paulo - 1924.
- (8) - **Silva Leme** - Luiz Gonzaga - *Genealogia Paulistana* - 9 vols. - Duprat & Cia. - São Paulo - 1904.
- (9) - **Azevedo Marques**, Manoel Eufrázio - *Apontamentos Históricos, Geográficos etc* - Biblioteca Histórica Paulista - Publicações Comemorativas sob o Alto Patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - São Paulo - 1953.
- (10) - **Magro**, Omar Simões - *Os últimos fronteiras paulistas nas terras do Sul* - Separata dos anais do III Congresso Sul Riograndense de História e Geografia - Porto Alegre - 1940.
- (11) - **Taunay**, Affonso de E. - *Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas* 2a. Edição - Cia Melhoramentos de São Paulo - São Paulo - 1937.
- (12) - **Prado**, J. F. de Almeida - *As Bandeiras* - IBRASA - Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. - São Paulo - 1986.
- (13) - **Blanco**, Ricardo Román - *Las "Bandeiras"* - Editora da Universidade de Brasília - Brasília - 1966.
- (14) - **Actas da Camara da Villa de S. Paulo** - 1596 - 1622 - Vol. II - Publicação Oficial do Arquivo Municipal de São Paulo - Duprat & Ca. - São Paulo - 1915.
- (15) - **Taunay** - Affonso d'E. - *A História das Bandeiras Paulistas* - Edições Melhoramentos de São Paulo - 1951 - Tomo I."
- (16) - *Guia do Código de Endereçamento Postal* da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em vigor em 1996.
- (17) - **Taunay**, Affonso De E., - *História da Cidade de São Paulo* - Edições Melhoramentos - São Paulo - 1953.
- (18) - **Taunay**, Affonso De E., *Em Santa Catarina Colonial* - Imprensa Oficial do Estado - São Paulo - 1936.

.....

Nota: As obras referidas por extenso, em itálico, são aquelas indicadas pelos próprios autores das citações, das quais fazem parte.

.....

Agradeço ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo a possibilidade que tive de consultar as obras mencionadas em sua famosa biblioteca.